

Literatura - revelação do mundo: estudos e intersecções

Coleção  *Universitária*

© Copyright 2018 by editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados aos autores. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa e Diagramação

Joselito Miranda

Editoração

Editora ArtNer Comunicação

Revisão

Éverton dos Santos

Impressão

Infographics Gráfica e Editora

Imagem da capa: *Tela O Bibliotecário*, de Giuseppe Arcimboldo (1566).

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Ficha Catalográfica

S2371	Santos, Éverton (Org.). Bispo, Matheus Luamm Santos Formiga (Org.) Literatura - revelação do mundo: Estudos e intersecções. / Éverton Santos (Org.). Matheus Luamm Santos Formiga Bispo (Org.) - Aracaju: ArtNer Comunicação, 2018. 116p. (Coleção Universitária, n.1) ISBN: 978-85-69567-28-8
	1.Literatura Sergipana-Estudo-Ensino 2. Literatura-Educação I - Título
	CDU: 821.134.3(813.7) :37

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Jane Guimarães V. Santos, CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • 3043-1744

<http://artner.com.br/>

Organização
Éverton Santos
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo

Literatura - revelação do mundo: estudos e intersecções

Coleção  *Universitária*

Aracaju-SE

ArtNer^{EDITORA}
Comunicação

2018

COLEÇÃO UNIVERSITÁRIA Nº 1

Conselho Editorial

Prof. Me. Cássio Roberto Conceição de Menezes – UFS e FSLF

Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho – UFS

Profa. Dra. Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes – GET/UFS

Prof. Me. Ivanilson Leonardo dos Santos – UNIT e FSLF

Profa. Ma. Luciana Novais Maciel – FPD e UFS

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira – IFRJ

Prof. Me. Ramon Diego Câmara Rocha – UFS e FSLF

Profa. Dra. Simone Paixão Rodrigues – SEED/SE e DEHEA/UFS

Apresentação

A tarefa crítica se desdobra a partir de textos, de modo que, quando um/a analista rediz uma obra, ele/a se ajusta tanto à invenção quanto aos meandros da teoria literária, fazendo surgir um novo texto que, para além de explicado, encontra-se em estado de recriação do mundo. Isso porque há o/a autor/a e a obra, há a obra e o/a leitor/a, e, no entremeio, há o/a crítico/a, espécie de entidade que, munida de um olhar contemplativo e desestabilizador, explora os interstícios que fundam o texto, lhe dão sentido e o inscrevem sob o título de objeto artístico, fazendo, com efeito, uma tarefa de tradução.

Assim, o estatuto estético da obra é avaliado por sensibilidades que encontram chaves-do-tamanho e partem para a descoberta do mundo – entenda-se “mundo” tanto como o exposto na obra quanto o real. É fato também que o julgamento perpassa a relação entre pesquisador/a, objeto, teoria, recorte analítico, capacidade de leitura e aplicação dos fundamentos. E é aí que se insere a perspicácia também de selecionar, para abordar a linguagem literária, os instrumentos necessários para fazer falar o texto, embora ele, por si só, já fale, mas é na leitura que ele significa, e a tarefa crítica, por sua vez, o justifica. É também na abordagem crítica que outras dimensões sociais, culturais, políticas, psicológicas, filosóficas, artísticas, de gênero, de classe, etc., são representadas de maneira fundamentada e articulada em face de uma exposição que, ao interceptar a latência das palavras e a materialidade da obra, relacionando tal linguagem-objeto com o mundo e os discursos, dá cabo da nossa famigerada sede de conhecimento.

E é nessa direção que o presente livro navega: *Literatura - revelação do mundo: intersecções e diálogos* (tomando uma definição realizada por Tzvetan Todorov) é o resultado de pesquisas em que o saber sobre a literatura se cruza com diferentes perspectivas de análise, construindo discursos outros a partir de obras e suas ressonâncias,

isto é, compondo pontos de vista que desvelam a própria realidade a partir de uma incursão nas significações possíveis, respeitando-se, obviamente, as articulações entre o texto e o contexto de produção. É por isso que a literatura se constitui como revelação do mundo, haja vista a elaboração, a partir da obra, de outras formas de inventar (ir) realidades por meio da palavra.

O estudo da literatura conduz ao percurso de distâncias e a adquirir um novo olhar e uma nova maneira de perceber a vida. Pelas linhas do texto literário é possível descortinar as fronteiras culturais e o imaginário humano, o que leva a refletir sobre as próprias fronteiras interiores. A viagem apaixona e intriga, leva a (re)pensar sobre o mundo e sobre si mesmo.

Portanto, pretendemos, com este livro, por meio da reunião de artigos variados em suas abordagens e seus objetos, demonstrar que a tarefa crítica se encaminha para o mesmo fim: situar o texto literário como potência do dizer que é socioculturalmente prestigiada pela fecundidade do modo como apreende e textualiza o mundo, resignificando-o, sendo, nesse ínterim, objeto de múltiplas discussões pela pluralidade de temas que carrega e congrega. Diante disso, as intersecções e os diálogos aqui propostos pelos/as autores/as – às vezes mais didaticamente, outras vezes mais aproximadas do objeto – enveredam pelo literário e impulsionam a escritura de novos estudos para além da academia.

Por fim, concebendo a disposição para a participação dos/as autores/as (a quem enormemente agradecemos) nesta obra – que é uma conjunção de artigos científicos cujo fio condutor é a literatura e as rumações acerca dela –, fazemos votos aos/às leitores/as que desfrutem das proposições apresentadas e que as tomem como possibilidades de leitura, não como verdades perpétuas. Concluimos, pois, esta empreitada com a realização do dever e, sobretudo, com o reconhecimento prestado à literatura, a partir da qual criamos, aqui, o nosso dizer mediante a tarefa, como viemos dizendo, crítica.

*Os organizadores,
Éverton Santos e
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo*

Prefácio

Criando caminhos ao andar

Christina Ramalho
Universidade Federal de Sergipe

O poeta e escritor espanhol Antonio Machado muito bem avisou: “Caminante no hay camino”, porque “se hace camino al andar”. E é dessa verdade que eu parto para dizer algumas palavras sobre *Literatura – revelação do mundo: estudos e intersecções*, livro organizado por Éverton Santos e Matheus Luamm Santos Formiga Bispo.

A vida acadêmica, e já estabelecendo um paralelo com os versos de Machado, não é um caminho pronto, pelo qual se segue naturalmente após conhecer bem suas curvas, retas, trilhas e atalhos. Ao contrário, ela resulta de uma constante invenção de rotas possíveis somada ao inevitável exercício de reordenação da viagem, sempre que o caminho criado não parece compatível com os desejos expansionistas desse sujeito andarilho apaixonado pela palavra.

Ler, estudar, reler, escrever criticamente sobre o que se leu, publicar, divulgar, todas essas ações são os passos que quem se aventura pela experiência acadêmica tem de dar para, assim, desenhar sua própria trajetória no amplo universo de “andarilhos das Letras”.

O que Éverton Santos e Matheus Luamm fazem, com este livro, é, portanto, criar caminhos. Para eles, para os autores e as autoras que aqui expressam suas aventuras pela literatura e também para nós, leitores e leitoras que seguimos seus textos para depois compormos nossas próprias estradas de reflexão. As aventuras criadas e vertidas em artigos, contudo, que não são frutos de um exercício de caminhar pelas palavras totalmente livre de bússolas ou ponteiros, mas reflexos de uma decisão consciente de fazer caminhos acadêmicos ao andar.

Caminhos críticos. Caminhos de quem quer viver a literatura com a responsabilidade do pensamento científico devidamente acompanhada da sensibilidade que reconhece o que a literatura traz como deleite e desafio.

Assim, é preciso registrar logo de início os parabéns aos dois organizadores, cada qual em etapa própria na invenção particular de seu caminho, mas, neste livro, irmanados pelo propósito de uma construção parceira de um trajeto comum dentro de suas particularidades. Também se fazem caminhos em parceria. Aliás, belíssimos caminhos são os que resultam de encontros de pessoas que compreendem que há passos que podem ser dados em companhia.

Os artigos reunidos são, por sua vez, estradas também personalíssimas, que resultam dos passos dados por Cláudia Aparecida Dans Dias para se encontrar com um “professor de inglês” todo feito em conto; ou dos realizados por Daiana Carvalho Santos para seguir o sonho de “olhar os lírios do campo”; ou ainda dos inventados por Matheus Luamm Santos Formiga Bispo e Sara Rogéria Santos Barbosa para criarem um solo moçambicano sedimentado no “cesto” de Mia Couto. E há mais trilhas: as que foram criadas pelos pés de Milena Menezes Santos, ao desenhar um solo feito de mulheres alencarinas; as que foram geradas pelos passos de Miquéias Moreira de Araújo e Matheus Luamm Santos Formiga Bispo quando caminharam para fruir do “presépio” drummondiano; as que Miquéias Moreira de Araújo construiu quando fez do pessimismo romântico matéria para encaminhar suas reflexões críticas. Um caminho acompanhado de melodias foi criado por Tatiana Cíntia da Silva, quando decidiu seguir o instigante canto de Elomar; enquanto outro, repleto de vieses, foi inaugurado por Thayenne Roberta Nascimento Paiva, decidida a compor uma trajetória teórica sobre o gênero narrativo.

Cada um/a desses andarilhos e dessas andarilhas fez caminho ao andar. Criou, com sua palavra reflexiva, uma trajetória que brotou do *corpus* escolhido como matéria-prima e se esparramou pelas veias da teoria e da crítica literária. Da soma, do todo organizado por Éverton e Matheus, compõe-se um mapa de possibilidades de leitura, por

meio do qual entenderemos a importância de, seja em que etapa da vida acadêmica o/a pesquisador/a se encontrar (graduação, especialização, mestrado, doutorado), buscar, na firmeza do solo que a base teórica fornece, o necessário repertório de palavras que criam caminhos sobre outras palavras.

Por tudo isso, podemos visualizar nas cercanias, nas cercas, nos horizontes e na geografia dos caminhos feitos, as vozes literárias de Luiz Vilela, Érico Veríssimo, Mia Couto, José de Alencar, Drummond, Soares de Passos e Álvares de Azevedo, Elomar Figueira de Mello; e as vozes teóricas e críticas de nomes como Antonio Candido, Julia Dietrich, Alfredo Carvalho, Paulo Freire, Alfredo Bosi, Beth Brait, Antônio Dimas, Terry Eagleton, Maria Aparecida Santilli, Simone de Beauvoir, Mary del Priore, Gilberto Freyre, Mikhail Bakhtin, Eduardo Coutinho, Massaud Moisés, José Murilo de Carvalho, Tania Carvalhal, Celso Furtado, Rogel Samuel, Katia Canton, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Câmara Cascudo, Luiz Tatit, Amado Alonso, Walter Benjamin, Jonathan Culler, entre muitos outros e outras. Assim, além dos caminhos, esses andarilhos e essas andarilhas da vida acadêmica criaram paisagens que dão às rotas ainda maior concretude.

A leitura, que revela trilhas predominantemente orientadas pela sociologia da literatura, pela mitocrítica, pela historiografia literária, pelas teorias da narrativa e pelos estudos culturais, é prazerosa e segura. Os diálogos entre textos teóricos, textos críticos e obras literárias evidenciam a natureza acadêmica dessas andanças, que, no conjunto, têm também como mérito oferecer uma visão plural da Literatura, uma vez que contemplam horizontes espacial e temporalmente diferentes.

A todos e a todas que compõem esse mapeamento múltiplo, mas coerente, o estímulo para que prossigam nessa decisão de fazer caminhos generosos que levem leitores e leitoras a perceberem suas próprias possibilidades de se tornarem andarilhos e andarilhas da Literatura, ainda que, como diz o poema de André Ricardo Aguiar, escritores e escritoras de todas as literaturas do mundo criem maravilhosos caminhos tortuosos que exigem de transeuntes das Letras a conquista da arte de saber andar.

Teologia

Deus visto daqui de baixo
finge que não me vê.

Eu o finjo igualmente
com um ar sem rumo, ser
ou não ser.

Posto que não há mais
o que fazer:

para todo efeito
o pacto é morto,

eu ando por linhas, torto.

*** 1

1 Disponível em: <http://editorapatua.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=111>. Acesso em: 29 mar. 2018.

Sumário

O discurso que não educa e nem ensina: um estudo do conto “O professor de inglês” de Luiz Vilela Cláudia Aparecida Dans Dias	15
<i>Olhai os lírios do campo: uma análise da influência de Olivia na ressignificação identitária de Eugênio</i> Daiane Carvalho Santos	29
“O cesto”: uma narrativa moçambicana Matheus Luamm Santos Formiga Bispo Sara Rogéria Santos Barbosa	39
Literatura e sociedade: as mulheres em Alencar Milena Menezes Santos	51
O “Presépio” de Carlos Drummond de Andrade Miquéias Moreira de Araújo Matheus Luamm Santos Formiga Bispo	63
Soares de Passos e Álvares de Azevedo: um caso de pessimismo na obra romântica Miquéias Moreira de Araújo	73
A voz que enuncia o sertão profundo nas canções elomarianas Tatiana Cíntia da Silva	91
Transmutação nos jogos de verdade da ficção Thayenne Roberta Nascimento Paiva	105



Sobre os/as autores/as e organizadores

- **Cláudia Aparecida Dans Dias**

Graduada em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Especialista em Literatura Contemporânea pela Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO). E mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: claudiadans@yahoo.com.br

- **Daiane Carvalho Santos**

Graduada em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF).

E-mail: daialetras07@hotmail.com

- **Éverton Santos**

Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

E-mail: evertonufs2010@hotmail.com

- **Matheus Luamm Santos Formiga Bispo**

Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França. Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins.

E-mail: matheus.luamm@hotmail.com

- **Milena Menezes Santos**

Graduada em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF).

E-mail: mia_llena@hotmail.com

• **Miquéias Moreira de Araújo**

Graduado em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF).

E-mail: miikeiasmoreira@gmail.com

• **Sara Rogéria Santos Barbosa**

Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Didática e Metodologia do Ensino pela Faculdade São Luís de França (FSLF). Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da graduação e pós-graduação e coordenadora do curso de Letras na Faculdade São Luís de França (FSLF).

E-mail: sararogeria@gmail.com

• **Tatiana Cíntia da Silva**

Graduada em Letras Português, Inglês e Respectivas Literaturas pela Fundação Raimundo Marinho (FRM). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade São Luís de França (FSLF). Especialista em Língua Portuguesa e Linguística pela Faculdade Amadeus (FAMA). Mestra em Letras na área de concentração Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora de Literatura na Faculdade Pio Décimo (FPD). Pesquisadora do projeto de Iniciação Científica através do Núcleo de Estudos em Literatura do Curso de Letras (NELL), orientadora da Linha de Pesquisa “Literatura, Regionalismo, Memória e Ensino”.

E-mail: tatiana.cintia@bol.com.br

• **Thayenne Roberta Nascimento Paiva**

Graduada em Bacharelado e Licenciatura de História, respectivamente, pelo Instituto de História e pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é mestranda bolsista CAPES em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e mestranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: thayenne-intelectus@hotmail.com

O discurso que não educa e nem ensina: um estudo do conto “O professor de inglês”, de Luiz Vilela

Cláudia Aparecida Dans Dias

A coletânea *A escola e a letra* (Boitempo Editorial, 2009), organizada por Flávio Aguiar e Og Doria, traz uma série de contos, crônicas, trechos de romances e de memórias cujos enredos nos levam de volta à escola. Dividido em quatro partes, o livro organiza-se pelas datas de publicação dos textos, indo da chegada dos portugueses ao Brasil, passando pelos tempos da Colônia e do Império, até chegar à República e aos nossos tempos.

Ao selecionar textos que evocam a escola, essa coletânea nos apresenta um universo rico não só na elaboração estética como também na reflexão histórico-social que faz. Um texto literário é mais que uma obra de arte, é também uma obra que dialoga com seu tempo. E essas questões ganham relevância, pois cada conto, crônica e fragmento de romance traz um olhar particular sobre a escola, sobre as relações sociais que ali se constroem, sobre os discursos ali proclamados.

Apresentando cada momento de forma bastante singular, seja pelo viés da ironia, da tragédia ou da comédia, cada narrativa utiliza diferentes recursos estéticos para construir não só uma sala de aula, um professor, uma aula, mas também para refletir e discutir os mais variados temas que se relacionam à escola.

Nas palavras de Antonio Candido, a literatura é tanto fruição estética, que nos humaniza, como desmascaramento dos problemas sociais que a sociedade enfrenta (1995), e, no caso das narrativas selecionadas por Aguiar e Doria, cada uma delas atende perfeitamente

a essa combinação. É como se cada texto mostrasse uma escola diferente na arquitetura, na organização das salas de aula, nos uniformes dos alunos e no perfil dos professores, mas repleta de problemas e de situações que os muros altos ocultam e que só a ficção pode descortinar.

Tendo em mente essa relação formal e temática na construção de uma obra literária, elegemos o conto “O professor de inglês”, de Luiz Vilela, com o objetivo de examinar o emprego do discurso direto, além do foco narrativo, e em que medida esses recursos narrativos contribuem para a elaboração da personagem-título do conto.

* * *

Antes de iniciarmos o estudo desse conto, faz-se necessário apresentar resumidamente seu enredo, que começa com a chegada do aluno Carlos. Ao entrar na sala, ele puxa uma cadeira que estava próxima da porta e senta-se. Diante dessa atitude, o professor Godofredo ironiza o rapaz que chegara atrasado, retomando a aula em seguida. A aula consiste em chamar os alunos para lerem um texto predeterminado pelo docente. Ao chamar o número 5 – Carlos –, o professor o ridiculariza novamente.

Angustiado com a situação, o aluno perde-se na leitura. O professor o repreende, dizendo-lhe que, se não estudar, ele será reprovado. No intervalo, Carlos e Baiano, apelido de Newton, um outro aluno, conversam sobre o professor, sobre a sua metodologia de aula e sobre o fato de a escola não se importar com a postura profissional e pessoal do docente.

Narrado em 3ª pessoa por um narrador observador onisciente, o conto começa com uma situação complicada: Carlos chega atrasado em seu primeiro dia de aula. Sem ser nomeado pelo narrador, fato que acontece apenas no meio da narrativa, essa personagem entra na classe e senta-se numa cadeira que “estava em frente à porta e arrasou-a para junto das outras” (VILELA, 2009, p. 206). Ao fazer isso, o narrador se afasta, permitindo que a segunda personagem, o professor, converse com o aluno:

— Muito bem – disse o professor –, então eu pus essa carteira aí foi para você sentar?

A classe riu e ele enrubesceu.

— Não viu que eu pus ela aí foi para encostar a porta? Ficou ali em pé, procurando com os olhos aflitos uma carteira, todas aquelas caras fixas nele.

— Como é? – disse o professor. – Estou esperando; vai sentar ou não vai?

— Não há carteira – balbuciou.

— Pois então senta nessa aí, moço! – gritou o professor, e a sala pareceu encolher. – Você já chegou atrasado, já interrompeu minha aula, e agora vai ficar aí de pé atrapalhando até quando?

Ele sentou-se.

[...] Seu coração ainda batia depressa, sua cabeça estava zonzá, acompanhava com dificuldade (VILELA, 2009, p. 206).

O trecho citado reproduz fielmente a fala das personagens, utilizando o modelo tradicional de transcrição: o discurso direto – travessão e verbos de elocução. O emprego desse recurso faz com que a personagem exponha suas opiniões, suas visões de mundo. Ela “revela sobre si mesma, o que faz, e o que os outros dizem a seu respeito” (PRADO, 2011, p. 88). Em outros termos, é por meio dessa transcrição que conheceremos a personagem, porque tanto ela como as demais dirão o que pensam diretamente, sem precisar da intermediação do narrador. Além disso, o conto de Vilela ganha ares de teatralidade, já que é por meio do discurso direto que a história se desenvolve e as personagens ganham concretude, expressando suas opiniões sobre si e a respeito do outro.

Retomemos o fragmento referido acima.

Observando atentamente a fala do professor, percebe-se o quanto ele é irônico. Ao perguntar se tinha colocado a carteira “para você sentar”, no caso Carlos; e ao dizer que a colocou “aí foi para encostar a porta”, Godofredo ironiza o comportamento do aluno. Para o docente, além de atrasado, o aluno é “esperto”, pois senta numa carteira que

deveria ser utilizada para fechar a porta. Porém, para Carlos, a situação é constrangedora: ele se sente acuado, atordoado diante daquelas perguntas, não consegue dizer nada, a não ser balbuciar.

Atendo-se à construção do texto, os verbos de elocução “disse” e “gritou” indicam o tom da fala do professor. Inicialmente, esse tom aparenta tranquilidade, mas a gradação muda rapidamente: Godofredo grita com o aluno. Mais do que gritar “senta nessa aí”, a fala vem acompanhada de um comentário bastante pesado: além de interromper, Carlos estaria atrapalhando a aula também. Nesse momento, a onisciência do narrador aparece para revelar o estado emocional do estudante: nervoso e constrangido. E esse procedimento se repete ao longo da narrativa, permitindo-nos conhecer de que forma o discurso desse professor afeta a personagem.

É importante atentar para o fato de que o narrador, além de onisciente, é neutro (MAICON, 2008), ou seja, ele não faz comentários depreciativos a respeito do que os alunos sentem. Entretanto, quando descreve fisicamente o professor, sua suposta neutralidade desaparece:

O professor terminou de ler. Tirou os óculos, de aro de tartaruga. Abriu a pasta em cima da mesa. Era um sujeito pequeno, com alguns cabelos ralos na cabeça e uma cara de rato. Devia ter uns 40 anos. Enquanto mexia na pasta olhava de momento a momento para a classe, com a testa franzida e um ar desconfiado. Não se ouvia o menor ruído na sala (VILELA, 2009, p. 206).

Ao descrever a figura do professor, o narrador está preocupado em criar uma imagem concreta da personagem, ao mesmo tempo em que lhe atribui um juízo de valor bastante negativo. A expressão “cara de rato” pode estar ligada tanto ao formato do rosto do professor como também a uma desqualificação que o narrador faz da personagem. Além disso, é preciso observar o aspecto popular da expressão, que, nesse contexto, sugere que o docente é um indivíduo malicioso, mal-intencionado.

No decorrer do conto, no entanto, o narrador afasta-se, limitando-se a reproduzir fielmente a fala das personagens. Nesse momento, sua onisciência não é relevante, uma vez que o discurso direto faz com que as personagens expressem suas opiniões, suas visões de mundo. É por meio dessa manifestação que a imagem do professor, em especial, ganha novos contornos e relevos. Sua materialização amplia-se, o que intensifica ainda mais o seu perfil negativo. Além do tom irônico e arrogante da personagem, novos elementos surgem à medida que a aula de inglês se desenvolve.

Mais do que gritar e fazer constantes comentários irônicos dirigidos aos alunos, como “— Você não tomou café hoje não, moço? – gritou o professor” (VILELA, 2009, p. 207), essa personagem se revela preconceituosa:

Uma menina caminhou para a frente. Começou a ler onde o rapaz havia parado.

O professor acompanhava no seu livro. De repente parou de acompanhar e ficou olhando para a menina. A menina, concentrada no livro, ia lendo. Quando chegou um parágrafo novo, parou e olhou para o professor.

— Onde você fez o ginásio? – o professor perguntou: – no interior?

— É sim senhor – a menina respondeu com timidez.

— Está se vendo – disse o professor.

Voltou-se para a caderneta, e sem olhar para a menina:

— Pode ir: ganha um (VILELA, 2009, p. 207).

Na cena em questão, observamos não só o desenvolvimento da aula, mas também o preconceito do professor. Sobre a aula, essa consiste em apenas ler o texto determinado pelo docente. Uma vez que o título do conto é “O professor de inglês”, espera-se que a aula foque no estudo da língua estrangeira. No entanto, ao longo da narrativa, nota-se que não há uma preocupação com o aspecto comunicativo do idioma ou mesmo com questões culturais. O que se vê, na verdade, é uma aula focada somente na leitura de um texto à frente da sala. Porém, é o comentário hostil do professor que ganha destaque e chama atenção.

Ao perguntar para a aluna se ela fizera o ginásio no interior e comentar “Está se vendo”, o docente evidencia seu preconceito. Baseando-se, provavelmente, no sotaque da aluna, ele a desqualifica e lhe atribui um ponto de nota. Ou seja, Godofredo não está preocupado se ela leu o texto com fluência, e, sim, com o fato de ela ser do interior e falar de forma distinta da dos demais alunos e habitantes da capital. Nesse momento, o conto traz outros detalhes.

Ao responder que era do interior, essa informação demarca o espaço onde a narrativa acontece: na capital. Tomando como base a época de publicação do conto, década de 1970, era comum os jovens irem morar na capital para continuar seus estudos. Geralmente, esses estudos aconteciam em escolas particulares, uma vez que o número de escolas públicas era bastante limitado. É importante ressaltar também que o narrador não nomeia o local em que ocorre a aula, assim como não expressa o nome da escola ou indica o ano. A omissão desses dados indica que a questão central da narrativa é a aula e, principalmente, o professor.

Um ponto fundamental sobre a aula é a avaliação dessas arguições. Inicialmente, não há clareza quanto ao valor das leituras, sem contar que essas notas não são objetivas. O professor atribui notas baseadas em impressões pessoais que tem a respeito dos alunos. A nota é produto de uma visão subjetiva do docente. Dessa forma, além de irônica e arrogante, a personagem se revela bastante preconceituosa. No entanto, outra característica se soma a essas: a satisfação em causar medo nos alunos.

Uma informação bastante referida pelo narrador é o fato de a sala de aula estar sempre em silêncio e, quando ri, é um riso nervoso, tenso. Alternando silêncio e riso, o que prevalece durante a aula é a tensão que o professor impõe à sala. E essa tensão se coloca não só pelos comentários irônicos e gritos intensos de Godofredo, a ameaça é outra arma utilizada para controlar os alunos:

- Número cinco: Carlos. Não está?
- Ele se levantou.
- Você outra vez, rapaz?

A classe riu.

[...]

— Escuta, moço – disse o professor, olhando para ele: você não prepara as lições, você não vem às aulas; aqui na lista de chamada você não tem nenhuma presença; como é? Desse jeito você já está na bomba.

Ele ficou em silêncio, incapaz de dizer que estivera doente aqueles dias, incapaz de dizer uma palavra que fosse, paralisado ali na frente da classe (VILELA, 2009, p. 207).

Repetindo o mesmo procedimento de chamar os alunos apenas por números, indicando um tratamento bastante impessoal e frio, para lerem o texto na sala, o professor agora chama o aluno Carlos. Tendo faltado na escola, pois estivera doente, o rapaz desconhece seu número de chamada. E, ao ver que o rapaz chamado era o mesmo do início da aula, o professor o ironiza, e a classe ri, mas nervosamente. Mais do que ironizar, o professor agora faz ameaças: se não estudar, o aluno vai reprovar. A intimidação, contudo, não se restringe apenas a Carlos, visto que, em outro momento do conto, a mesma advertência é feita à sala: não estuda, reprova.

É possível alguém ser reprovado numa disciplina cuja principal atividade é a leitura? Provavelmente, não. Porém, o terrorismo que o professor faz intensifica ainda o risco de “levar bomba” e incapacita qualquer aluno a questionar ou a justificar a ausência nas aulas. E, mesmo que alguém tente fazer isso, ouve-se: “— Ninguém está te perguntando nada – disse mais forte o professor e o rapaz se calou” (VILELA, 2009, p. 207).

Observa-se que, além do tratamento impessoal do professor, que só chama os alunos pelos números de chamada ou de “moço”, “rapaz”, o docente não possui empatia: ele não pergunta por que Carlos faltara a tantas aulas, por exemplo. Não há também uma preocupação com o aluno no que se refere à aprendizagem. O professor não se incomoda se os estudantes estão entendendo ou não a dinâmica da aula, ou se têm dúvidas sobre o conteúdo apresentado. Seu papel como professor e não como educador está sendo feito: “Marcou uma

lição nova para a próxima aula. Fechou o livro e guardou-o na pasta. Depois guardou a caderneta. Enfiou a caneta no bolso interno do paletó” (VILELA, 2009, p. 208).

É importante frisar que é pela própria fala do professor que sua arrogância, sua ironia, seus preconceitos e, principalmente, seu autoritarismo surgem. Mas é também pelo discurso dos alunos que essa imagem se constrói. No intervalo da aula, Carlos e Baiano conversam, e este explica ao colega como é a “metodologia” de trabalho do professor Godofredo:

— E nas provas – continuou perguntando –; como que ele é?

— Provas?

— Nas provas mensais.

— Ele não dá prova não – disse Baiano –, é só arguição.

— Só arguição?...

— Toda aula tem arguição.

— Toda aula?... Sentiu outro aperto na barriga.

— A nota mensal é a média das notas das arguições; toda aula ele dá arguição.

Ficou sentindo como se estivesse de novo lá na frente e tudo aquilo acontecendo de novo.

— É assim – explicou Baiano: se você ganha nota ruim, ele te chama outra vez: para melhorar a nota, como ele diz; mas se você tem nota boa, ele também te chama outra vez: para ver se mantém a nota, como ele diz; ele sempre te chama outra vez, não tem jeito de escapar. O jeito, você pode pensar então, é matar aula; mas acontece que quem não tem nenhuma falta ganha mais um ponto, e ninguém quer perder esse ponto assim à toa; uma falta, uma falta só, e o sujeito já não ganha mais o ponto. É... – Baiano deu uma risadinha –, bobo a gente não pode dizer que o Godofredo é não; ele é até muito sabido... (VILELA, 2009, p. 209).

A forma como Godofredo trabalha é claramente desinteressada e monótona. Toda aula o mesmo percurso se repete: “é só arguição”.

Não há mudança no *script* da aula. Embora o trecho seja longo, ele é extremamente significativo, pois é pelo discurso direto dos alunos que a imagem do docente ganha concretude. Na opinião de Baiano, o professor é “até muito sabido”, uma vez que consegue trazer os alunos à aula. Embora o adjetivo seja positivo, ele não disfarça o aspecto negativo do professor: o controlador. Ciente de que sua aula não é atrativa, atribuir pontos à presença é uma forma de controlar a sala e ter alunos, ainda que a contragosto deles.

Apesar da observação no mínimo curiosa, por parte de Baiano, tanto ele como Carlos veem o professor como um “neurótico”. Entretanto, a análise termina aí. Os alunos possuem visões distintas sobre a figura do professor, que aparece neste diálogo, já no final do texto:

- Acho tudo isso horrível – disse Carlos.
- É – disse Baiano –; mas um dia você ainda vai achar graça disso; você vai ver.
- Nunca vou achar graça disso, tenho certeza.
- Você vai ver – disse Baiano.
- Nunca vou achar graça disso, nem vou esquecer. Nunca vou esquecer disso (VILELA, 2009, p. 209).

A oposição entre Baiano e Carlos é evidente. O primeiro diz que “um dia você ainda vai achar graça disso”, já o segundo diz “Nunca vou achar graça disso, nem vou esquecer”. O que se verifica aqui é que cada um deles lida de forma diferente com o clima autoritário da aula de inglês. Enquanto a postura do primeiro revela conformismo, ao aceitar sem críticas uma aula que não contribui em nada para o seu desenvolvimento intelectual e lidar com um professor arrogante; o segundo mostra-se crítico tanto em relação à aula como em relação ao professor.

Essa conversa, no entanto, não expõe apenas a imagem de um indivíduo autoritário, arrogante e preconceituoso, revela também a figura de um profissional ruim, mas que não gera nenhum tipo de reclamação por parte dos alunos. O clima de conformismo é claro no conto e se materializa na fala de Baiano, que sabe que qualquer crítica

não causaria nenhum efeito. A escola, ainda que saiba da situação, está preocupada com o pagamento que o aluno irá efetuar no fim do mês, já que é uma escola particular. Além do mais, “Godofredo é competente” e cumpre com sua função pedagógica: ensina a língua estrangeira. Logo, não há motivos para questionar seu comportamento ou seu método de ensino.

É preciso, contudo, considerar também o contexto histórico por trás do texto. E, ao se observar isso, a imagem do professor autoritário adquire uma nova dimensão e consistência. É nesse momento que a literatura assume um teor não só estético, mas de descortinamento dos problemas sociais, permitindo ao leitor que amplie sua formação humana e crítica sobre a sociedade (CANDIDO, 1995).

Na década de 1970, período de publicação do conto de Vilela, o Brasil estava sob o regime da ditadura militar e sob a vigência do Ato Inconstitucional número 5 (AI-5). Com o AI-5, implantado em dezembro de 1968 e sem limite de validade, o presidente Costa e Silva fechou o Congresso Nacional, censurou os meios de comunicação, limitou a ação judicial e reprimiu qualquer manifestação contrária ao governo por meio da perseguição policial (FAUSTO, 2001). Em meio a esse contexto bastante duro para o país, o número de alunos que acessavam o ensino fundamental e médio (ginásio e colégio, respectivamente) crescia significativamente. O ensino oferecido, no entanto, não acompanhava essa demanda, levando muitos alunos para o ensino particular.

Quando Baiano comenta que a escola não se incomoda com a forma como Godofredo ensina e trata os alunos, e, sim, com o pagamento que eles fazem, a personagem refere-se a isto: as escolas particulares recebiam alunos e não se preocupavam com o trabalho que o docente realizava em sala de aula. O importante era que esse profissional realizasse a função para que era designado. Vale lembrar ainda o controle que o governo militar realizava na educação.

Disciplinas como Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica propagavam a ideia de que a ditadura era uma atitude necessária ao país, pois estava combatendo os comunistas, a corrupção e a crise econômica. No entanto, a

ditadura militar brasileira impediu o desenvolvimento intelectual dos alunos, já que o importante era transmitir conteúdos, sem se preocupar com o aspecto crítico que esse saber poderia oferecer ao estudante (DIETRICH, 2014).

Se observarmos bem a aula do professor Godofredo, esta é apenas uma aula de leitura. Não há outras atividades, somente arguições. Se buscarmos os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), eles afirmam que a aula de língua estrangeira deve se preocupar não só com a leitura, mas também com a escrita, com a audição e com a comunicação. Obviamente, ler fluentemente um texto é válido, contudo limitar-se apenas a isso não faz com que o aluno fale o idioma naturalmente. Estudar uma língua estrangeira é estudar seus aspectos culturais, e, ao ignorar isso, perdem-se elementos significativos que estão na raiz da formação social de um país.

Estudar um idioma estrangeiro não é ter somente fluência comunicativa, auditiva ou leitora, é ter o domínio das regras sociais que só o estudo da cultura permite. No entanto, o que se verifica no conto de Vilela é a total ausência de um ensino contextualizado ou mesmo cultural do inglês. Uma vez que a única atividade realizada em sala é a leitura de texto, percebe-se que tal professor é um transmissor de conteúdo, seguindo a lógica do ensino bancário.

Expressão elaborada por Paulo Freire, o ensino bancário ignora que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22), ou seja, ensinar não é simplesmente passar para o aluno uma série de saberes, é criar uma situação para que esse saber ganhe sentido, valor. E, ao seguir por esse caminho, o professor precisa criar um canal comunicativo, precisa estar “aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquirido, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 47).

Porém, o que se vê nessa aula de inglês ficcional é um silêncio absoluto, em que o docente é o único que possui voz, discurso. Um discurso profundamente autoritário e preconceituoso.

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo [...].

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. [...] Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humanidade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 1996, p. 35-36).

“Pensar certo”, como afirma Freire, é aceitar o novo, independentemente da sua materialidade. E, ao pensarmos “certo”, rejeitamos o preconceito que nega e ofende tanto a humanidade como a própria democracia. O que se observa, contudo, na figura do professor Godofredo é um “pensar errado”. Ao atribuir um ponto à aluna vinda do interior baseado apenas na sua fala, ele se afasta do que é humano, do que é respeito ao diferente. Mas é no tratamento dado a Carlos que essa falta de humanidade ganha “exageros” e se mostra ridícula, insensata.

Quando o professor diz ao rapaz “— Mais depressa, moço, mais depressa; desse jeito tartaruga te atropela” (VILELA, 2009, p. 207), durante a leitura, o docente não está preocupado com o lado humano do aluno. Pouco importa se Carlos está nervoso com a situação ou se o comentário o humilha, o objetivo da aula deve ser cumprido: ler o texto para receber a nota. Entretanto, mais do que neurótico ou insensato, o professor de inglês materializa em sala de aula o mesmo autoritarismo que o resto do país testemunha.

Ao impor um clima de tensão e medo, silenciando qualquer participação ou comentário dos alunos, Godofredo reproduz na aula o mesmo clima tenso que a ditadura militar impõe ao país. Com a aprovação do AI-5, qualquer opinião diferente da do governo era censurada e, muitas das vezes, violentamente punida. No caso da narrativa,

as notas atribuídas sem um critério claro, os comentários humilhantes e irônicos, somados às ameaças nada veladas, são as armas que “esta autoridade” utiliza para conseguir o controle da sala. E, ao ter controle, o professor poderia transmitir o conteúdo que quisesse sem estimular a criticidade dos alunos. E sem criticidade ele “nega radicalmente a democracia”, a possibilidade de intervir no mundo, de transformar a realidade por meio da educação, como bem afirma Paulo Freire (1996).

A prática pedagógica que essa personagem ficcional realiza não possui qualquer valor ideológico, filosófico e, principalmente, humano. O que existe é uma determinação única em cumprir uma tarefa cujo significado se esvazia a cada leitura, a cada grito, a cada comentário dito. E à medida que as aulas se repetem, o olhar satisfeito do professor percorre a sala calando qualquer um que tente questioná-lo. É com esse discurso invariavelmente estúpido e autoritário que o docente censura, tortura e mata qualquer possibilidade de mudança.

Logo, quando empurramos a porta dessa sala de aula ficcional, assistimos a uma aula cuja única voz que se ouve é a do professor. Porém, isso não significa que ele conquistou a turma, pelo contrário, o que o narrador observador nos mostra é uma personagem opressora, dona de um discurso intolerante e grosseiro, que controla e aterroriza as demais personagens. É por meio do discurso direto que a imagem do professor Godofredo ganha materialidade não só física, como também psicológica.

É a partir da reprodução fiel da fala dessa personagem que visualizamos a figura de um indivíduo cujo discurso desumano e não democrático desestimula qualquer outro discurso, a não ser o do silêncio. E esse silêncio não é tranquilo, pelo contrário, é tenso, nervoso, angustiante. Incapacita qualquer possibilidade de fala, de pergunta. Assim, a aula de inglês, que permitiria adentrar em um outro mundo, é apenas um disfarce para ensinar a não pensar, a não criticar, a não mudar.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CANDIDO, Antonio [et al.]. **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DIETRICH, Julia. Educação: mais uma vítima do regime militar no Brasil. In: **Centro de referências em Educação Integral**. 31 mar. 2014. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/noticias/educacao-mais-uma-vitima-regime-militar-brasil/>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PASSOS, Najla. Reflexos da ditadura na educação impedem país de avançar. In: **Carta Maior**. 25 abr. 2014. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/Reflexos-da-ditadura-na-educacao-impedem-pais-de-avancar/13/30792>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

TENFEN, Maicon. **Breve estudo sobre o foco narrativo**. Blumenau: Edifurb, 2008.

VILELA, Luiz. O professor de inglês. In: AGUIAR, Flávio; DORIA, Og (Orgs.). **A escola e a letra**. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 206-209.